

LINDA GOTTLIEB

# A Canção que Conquistou Uma Cidade

*Foi escrita como canto pessoal, um canto de saudade e nostalgia. Mas tornou-se um hino de vitória para uma nação desesperada*

**E**M ISRAEL, atualmente, de um extremo ao outro do país, ouve-se uma canção: *Yerushalaim Shel Zahav* ("Jerusalém de Ouro"). Em três semanas, tornou-se hino nacional e prece. Mais de 30 versões concorrem às vendas em Israel. Eddie Fisher gravou-a em Londres, Larry Adler toca-a na sua gaita-de-bôca e acaba de aparecer nos Estados Unidos. *Jerusalém de Ouro* tocou profundamente o coração de todos os israelenses e vive como uma recordação da guerra de seis dias de junho do ano passado.

Em Tel-Aviv, Naomi Shemer, com os longos cabelos prêtos emoldurando um rosto que parece saído de um quadro de Gauguin, fala sobre a sua última criação. Para ela foi um milagre que começou no dia

15 de maio de 1967. Cêrca de 3 500 pessoas se comprimiam no Palácio da Nação na moderna Jerusalém para assistirem ao festival anual da canção em comemoração do aniversário da Independência de Israel. Cinco dos maiores compositores do país tinham sido convidados a criar canções para êsse festival. O diretor do festival explicara que tinham liberdade na escolha dos temas, mas o Prefeito Teddy Kollek, de Jerusalém, externara o seu grande desejo de que um dêles fizesse uma canção sobre a sua cidade. Quatro dêles não se mostraram interessados. Mas Naomi Shemer, popular autora de mais de 200 canções, aceitou.

Passou dois meses sem escrever absolutamente nada. Mas enquanto tratava das suas atividades cotidia-

nas, pensava na Jerusalém que havia conhecido em menina. Lembrava-se de como seus pais, poloneses, chamavam a cidade de Vilna, onde haviam nascido, “a Jerusalém da Diáspora” — como se qualquer outra cidade só pudesse vir em segundo lugar. Recordava as côres, os sons, o clima silencioso de Jerusalém, as visitas da sua infância aos lugares bíblicos, fechados para ela desde 1948. Pensou também numa história do Talmude em que a espôsa do grande Rabi Akiva vivera durante anos na pobreza para que o marido pudesse prosseguir nos seus estudos. Quando Akiva se tornou homem famoso e letrado, premiou a mulher com uma “Jerusalém de ouro”, um broche de ouro feito com a forma da cidade antiga, para ser usado como um símbolo da dedicação demonstrada por ela.

Naomi Shemer tomou a frase do Talmude, *Yerushalaim shel zahav* (Jerusalém de ouro), e utilizou-a como o título para a sua canção. Devia ser um canto de nostalgia, um lamento íntimo por uma cidade que ela havia pessoalmente perdido. “Jerusalém de ouro, de cobre e de luz”, dizia o refrão. Depois, citando o escritor medieval hebreu Yehuda Halevi, ela continuava: “Seja eu um violino para todos os teus cantos . . .” Pela primeira vez nas canções modernas, referia-se à “muralha antiga” que Jerusalém “traz em tórno do coração” e falava das vistas da cidade velha, vistas que os judeus de hoje não contemplariam nunca:

As cisternas de água estão sêcas,  
A praça do mercado está vazia.  
Não podemos visitar o nosso templo na cidade antiga,  
Onde gemem os ventos nas grutas rochosas  
Por cima das montanhas.  
Não podemos ir até ao Mar Morto  
Pelo caminho de Jericó.  
Teu nome queima-me os lábios  
como o beijo dum serafim,  
Não te esqueça eu jamais, ó Jerusalém de ouro!

No Palácio da Nação em Jerusalém já era quase meia-noite quando foi apresentada a canção. Quatorze tinham sido já executadas com acompanhamento completo de orquestra e aplausos corteses. Então uma môça, descoberta pela compositora havia apenas poucos dias, e desconhecida do grande público, apareceu no palco. O seu único acompanhamento era o violão que levava. Enquanto ela cantava *Yerushalaim Shel Zahav*, a assistência ouviu calada. Quando a jovem terminou, houve um segundo de silêncio e, em seguida, aplausos ensurdecadores que se prolongaram durante sete minutos. Acontecia que o sentimento pessoal de perda de Naomi Shemer era o de todos os israelenses. *Jerusalém de Ouro* teve de ser bisada por exigência do público. Dessa vez — a segunda que a canção era executada — tôda a assistência cantou em côro o refrão.

Na mesma noite em que o público cantava sôbre uma Jerusalém que nunca veria, Gamal Abdel Nasser

fazia marchar as suas tropas sobre a Península de Sinai. Nos dias que se seguiram à primeira audição da canção de Naomi Shemer, os soldados de Israel começaram a deixar o lar e a preparar-se para a luta. Quase não levavam objetos de uso pessoal, mas, de algum modo—como a canção foi tocada repetidamente nos primeiros dias da mobilização—levavam a canção.

Começaram então os telefonemas e as cartas. Os soldados escreviam a Naomi Shemer para dizer-lhe que cantavam a sua canção à noite nos campos. Artistas telefonavam para saber se podiam abrir e encerrar os programas que executavam para os militares com a sua canção, porque os soldados invariavelmente a reclamavam. Uma alta figura das forças armadas telefonou para convidar Naomi Shemer para cantar a sua canção para as tropas acampadas em torno de Jerusalém. Embora ela não cante com frequência em público, aceitou o convite.

Reconheceu muitos rostos no auditório—médicos, advogados, gente que via todos os dias no pequeno país de Israel. Alguns, recordou, haviam lutado em 1948 e 1956. Fizeram círculo em volta dela, só os faróis de um caminhão rompiam a escuridão da noite, e ela cantou para eles. Bem alto e com vozes cheias de determinação, os soldados cantaram com ela o refrão.

No domingo, 4 de junho, Naomi Shemer foi chamada a um dos postos centrais de comando do Exército, a

fim de receber nova missão de diversão para os soldados. Foi apresentada a alguns dos principais chefes militares de Israel, inclusive o General-de-Brigada Ezer Weitzman, assistente do General-de-Divisão Itzhak Rabin, e o General-de-Brigada Ariel Sharon, que iria comandar uma das principais ofensivas da campanha do Sinai. Sharon voltou-se para ela e, à sua maneira brusca habitual, disse:

—É importante que venha cantar para nós.

Combinou-se que Naomi Shemer iria para a base de Sharon no Neguev no avião de Ezer Weitzman.

No fim daquela tarde, a compositora de Tel-Aviv e o vice-comandante das Forças Armadas de Israel voaram juntos para o acampamento das tropas de Sharon no sul. O jantar naquela noite constou de tomates, pepino e ovos. Ninguém falou muito. Depois do jantar, a moça esperou que a convidassem para cantar, mas isso não aconteceu. Por fim, o ajudante-de-ordens de Sharon chamou-a em particular e disse:

—A guerra será dura e temos motivos para crer que está próxima . . . muito próxima. Decidimos que não haverá canto esta noite.

Ela nada disse.

—Mas não pode saber quanto é importante para nós a sua presença aqui. É difícil de explicar, mas você é poetisa e musicista . . . precisamos de alguém que tenha alma para viver esta hora conosco.

Tarde, bem tarde naquela noite, os homens marcharam e, na manhã

de segunda-feira, os rádios anunciaram que a guerra havia começado. Naomi Shemer tratou de ajudar da única maneira ao seu alcance. Na terça-feira, chegou ao acampamento nos arredores de Rafa e à noite cantou para as tropas. Na quarta-feira, os soldados avançaram para El Arish, onde havia combates esparsos de infantaria. Ela e outros artistas agruparam-se em torno de uma coluna levantada paradoxalmente pelos egípcios para comemorar a sua "vitória" sobre os israelenses no Sinai em 1956.

Alguém tinha um rádio de pilha. De repente, a voz de um locutor interrompeu a música. "A cidade de Jerusalém foi tomada!" O programa se transferiu para a própria Jerusalém. Podia ouvir-se o tiroteio por trás da voz do locutor enquanto êle descrevia a luta dos pára-quedistas de rua em rua, no coração da cidade velha. Naquele momento, disse êle, as tropas avançavam para o Muro das Lamentações. Então, ao fundo, a princípio indistintamente, houve o som de um canto—ou, melhor, de um hino—cantado ao que parecia por centenas de homens de voz rouca, que tomavam fôlego entre os versos: "*Yerushalaim shel zahav, ves-hel nechoshet veshel or Halo lechol shiraich ani kinor*". (Jerusalém de ouro, de cobre e de luz. Seja eu um violino para todos os teus cantos!)

Naomi Shemer, agachada ao lado

de um muro egípcio, escutava a irradiação. Ouviu a descrição dos tanques e caminhões que chegavam à cidade, muitos deles ostentando faixas em que se lia: "*Yerushalaim shel zahav*". Lágrimas rolaram-lhe pelo rosto.

Foi então, por entre os sons do combate em El Arish e Jerusalém, que lhe ocorreu uma pequena idéia, profissional e pessoal: tinha de reescrever a segunda estrofe da sua canção. Não havia mais necessidade de nostalgia: Jerusalém era deles!

Mais tarde, naquela noite, quando os soldados israelenses estavam reunidos no seu acampamento no deserto, a jovem apareceu diante deles, dizendo:

—Vou cantar para vocês uma estrofe que acabo de acrescentar a *Jerusalém de Ouro*. Quando escrevi a canção, Jerusalém era apenas um belo sonho para todos nós. Mas agora é nossa!

E, enquanto os soldados escutavam, cantou:

Estamos de volta às cisternas de água,  
De volta à praça do mercado.  
Do Muro das Lamentações na cidade antiga  
Vem o som do shofar.  
E das cavernas rochosas das montanhas  
Mil sóis estão subindo.  
Agora iremos até ao Mar Morto,  
Pelo caminho de Jericó!

